

**MANOEL
DE BARROS**
LIVRO SOBRE
NADA

ALFAGUARA

ALFAGUARA



Copyright © 1996, 2016 by herdeiros de Manoel de Barros

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Organização das fotos e documentos
Martha Barros

Curadoria
Italo Moriconi

Auxiliar de pesquisa
Tania Freire

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica
Regina Ferraz

Imagen de capa
Martha Barros, *Das formigas*, 2016, acrílica sobre tela, 45 x 44 cm,
reprodução de Jaime Acioli / Coleção particular

Créditos das imagens
Todas as fotos e documentos reproduzidos no livro pertencem ao
acervo pessoal do autor. As fotos das páginas 61, 78-81 foram reproduzidas
por Jaime Acioli.

Textos de contracapa e orelha
Italo Moriconi

Revisão
Fernando Nuno
Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barros, Manoel de, 1916-2014
Livro sobre nada / Manoel de Barros. – Rio de Janeiro :
Alfaguara, 2016.

ISBN 978-85-5652-028-9

1. Poesia brasileira I. Título.

16-07120

CDD-869.1

Índice para catálogo sistemático:
1. Poesia : Literatura brasileira 869.1

[2016]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAS SCHWARZ S.A.
Praça Floriano, 19 — Sala 3001
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.objetiva.com.br

Um lápis na península 7
Berta Waldman

LIVRO SOBRE NADA 11

Pretexto	13
1 ^a parte – Arte de infantilizar formigas	15
2 ^a parte – Desejar ser	31
3 ^a parte – O livro sobre nada	47
4 ^a parte – Os Outros: o melhor de mim sou Eles	53
Cronologia	63
Fotografias e documentos	71
Relação de obras	83
Bibliografia sobre Manoel de Barros	85
Índice de títulos e primeiros versos	97

Um lápis na península

“O que eu mais gostaria de fazer é um livro sobre nada”, escreveu Gustave Flaubert a uma amiga em 1852. Mais de um século depois, o desejo de um escritor transforma-se em mote de outro, embora o que Flaubert pretendesse fosse distinto daquilo que Manoel de Barros propõe. O que o poeta procura?

Composto de quatro partes (“Arte de infantilizar formigas”, “Desejar ser”, “O livro sobre nada” e “Os Outros: o melhor de mim sou Eles”) e antecipado por um “Pre-texto” explicativo, o livro de Manoel começa oferecendo ao leitor as coordenadas de sua poesia, embora de modo cifrado: “De tudo haveria de ficar para nós um sentimento/ longínquo de coisa esquecida na terra —/ Como um lápis numa península”.

Nesses versos, o autor transmite a desproporção entre o pequeno objeto, *um lápis*, e a amplidão de uma *península*. Nessa disposição, torna-se difícil encontrar o potencial do instrumento de escrita, tornando improvável o seu uso. Mas a necessidade move o poeta, que aproxima mão e lápis à espera de um segundo passo: sobre o que escrever? A demanda não visa à coisa alguma, nem à utilidade, nem à metafísica, nem à expressividade, nem à rima. Assim mesmo, germinam sentidos inusitados:

“[...] Eu pendurei um bem-te-vi no sol...”

“Ela era acrescentada de garças concluídas.”

“*Besouros não treparam no abstrato.*”

“*De noite o silêncio estica os lírios.*”

Os sentidos surreais acionam, por sua vez, um movimento em que se “avança” para trás, uma espécie de rio que corre para a nascente; às vezes, o poeta cria oposições apaziguadas, que convivem lado a lado, como no verso “Só o obscuro nos cintila”, ou ainda em uma sequência de frases em que a primeira corresponde a uma lógica comum, logo rompida na terceira: “Nossa mãe comprava arnica e bolachinhas./ [...] / Meu avô abastecia o abandono”.

Na segunda parte do livro, o sujeito lírico retoma seus alicerces: “Só as coisas rasteiras me celestam” ou “Eu tenho cacoete pra vadio”. Interessado em “coisas rasteiras”, no desnecessário e sem esplendor, o sujeito lírico lê avencas, mas também Proust; ouve aves, mas também Beethoven. Natureza e cultura, natureza e sonho são os alicerces dessa escrita, fonte primordial à qual se juntam outros elementos, constituindo todos eles o desenho emblemático e movediço do Pantanal. Uma rã num talo, semelhanças de pessoas com a natureza vegetal, perfazem essa poesia:

Retiro semelhanças de pessoas com árvores de pessoas com rãs de pessoas com pedras

[...]

(Sabedoria vegetal é receber com naturalidade uma rã no talo.)

Também a máquina, símbolo da produção, perde sua função ao ser transformada em destroços, em inutilidades — engenhos que lembram as máquinas autodestrui-

doras do artista plástico Jean Tinguely e que funcionam no sentido contrário ao da produção. Assim, o que não tem ou perdeu seu valor de troca, é matéria de poesia.

Prefiro as máquinas que servem para não funcionar: quando cheias de areia de formiga e musgo — elas podem um dia milagrar de flores.

A terceira parte parece soar redundante, pois as duas anteriores giram em torno desse mesmo tema, mas aqui a disposição do texto é outra. Frases curtas, entrecortadas, aforismos distribuem sabedoria em cápsulas:

“Tudo que não invento é falso.”

“Tem mais presença em mim o que me falta.”

“Não saio de dentro de mim nem pra pescar.”

“Do lugar onde estou já fui embora.”

A quarta e última parte do livro é apresentada pelo poeta, que conta ao leitor que, antes de conhecer Picasso, viu, na aldeia boliviana de Chiquitos, perto de Corumbá, uma pintura primitiva de Rômulo Quiroga, artista que produzia, ele mesmo, suas tintas. Entre outras coisas, ele mostrou ao poeta a pintura de um ancião de cara verde. Este teria retrucado: “Mas verde não é a cor da esperança? Como pode estar em rosto de ancião?”. “A minha cor é psíquica”, teria o pintor respondido. “E as formas incorporantes.”

O poeta lembrou que Picasso, após conhecer as formas bisônticas na África, rompeu com as formas naturais, com os efeitos de luz natural, com os conceitos de

espaço e de perspectiva, e, depois, quebrou planos; ao lado de Braque, propôs a simultaneidade das visões, a cor psíquica e as formas incorporantes. Além disso, o poeta viu nos traços de Quiroga a presença de Paul Klee.

Portanto, a apresentação de Manoel de Barros a “As lições de R.Q.” explicita sua familiaridade com a pintura e com a escultura contemporâneas, das quais a sua poesia se aproxima.

Leitor dos clássicos portugueses (Vieira, Camões, Camilo Castelo Branco) que lhe emprestam muitas vezes o léxico e a sintaxe, Manoel de Barros mimetiza o culto e o folclórico e parte para ousadas combinações, sonoridades, neologismos, fazendo sua poesia interagir, neste sentido, mais com a prosa poética de Guimarães Rosa do que com a poesia propriamente dita da Geração de 45.

A exploração das dimensões pré-conscientes do ser humano, da memória, a fala inovadora, a psique infantil, o sonho, a loucura, o sertão “do tamanho do mundo”, compõem um registro com o qual a poesia de Manoel de Barros está relacionada. Mas do interior dessa interlocução, feita de múltiplas vozes, flui a voz do poeta igual a si própria.

Chegados ao fim do caminho, fica a sensação de que se está diante de um objeto em fuga, e, desse modo, a intenção de apresentar não se completa. Mas o corpo inteiro da poesia só se dá mesmo na experiência funda e insubstituível da leitura. É a hora e a vez do leitor.

Berta Waldman

LIVRO SOBRE NADA

PRETEXTO

O que eu gostaria de fazer é um livro sobre nada. Foi o que escreveu Flaubert a uma sua amiga em 1852. Li nas *Cartas exemplares* organizadas por Duda Machado. Ali se vê que o nada de Flaubert não seria o nada existencial, o nada metafísico. Ele queria o livro que não tem quase tema e se sustente só pelo estilo. Mas o nada de meu livro é nada mesmo. É coisa nenhuma por escrito: um alarme para o silêncio, um abridor de amanhecer, pessoa apropriada para pedras, o parafuso de veludo, etc. etc. O que eu queria era fazer brinquedos com as palavras. Fazer coisas desúteis. O nada mesmo. Tudo que use o abandono por dentro e por fora.

1^a parte

ARTE DE INFANTILIZAR FORMIGAS

1.

As coisas tinham para nós uma desutilidade poética.
Nos fundos do quintal era muito riquíssimo o nosso
dessaber.

A gente inventou um truque pra fabricar brinquedos
com palavras.

O truque era só virar bocó.

Como dizer: Eu pendurei um bem-te-vi no sol...

O que disse Bugrinha: Por dentro de nossa casa
passava um rio inventado.

O que nosso avô falou: O olho do gafanhoto é sem
princípios.

Mano Preto perguntava: Será que fizeram o beija-flor
diminuído só para ele voar parado?

As distâncias somavam a gente para menos.

O pai campeava campeava.

A mãe fazia velas.

Meu irmão cangava sapos.

Bugrinha batia com uma vara no corpo do sapo e ele
virava uma pedra.

Fazia de conta?

Ela era acrescentada de garças concluídas.

2.

O pai morava no fim de um lugar.
Aqui é lacuna de gente — ele falou:
Só quase que tem bicho andorinha e árvore.
Quem aperta o botão do amanhecer é o arâquã.
Um dia apareceu por lá um doutor formado: cheio
de suspensórios e ademanes.
Na beira dos brejos gaviões-caranguejeiros comiam
caranguejos.
E era mesma a distância entre as rãs e a relva.
A gente brincava com terra.
O doutor apareceu. Disse: Precisam de tomar
anquilostomina.
Perto de nós sempre havia uma espera de rolinhas.
O doutor espantou as rolinhas.

3.

À mesa o doutor perorou: Vocês é que são felizes
porque moram neste Empíreo.

Meu pai cuspiu o *empíreo* de lado.

O doutor falava bobagens conspícuas.

Mano Preto aproveitou: Grilo é um ser imprestável
para o silêncio.

Mano Preto não tinha entidade pessoal, só coisal.
(Seria um defeito de Deus?)

A gente falava bobagens de à brinca, mas o doutor
falava de à vera.

O pai desbrincou de nós:

Só o obscuro nos cintila.

Bugrinha boquiabriu-se.

4.

Apenas de mês em mês aparecia uma carreta de
mascate, puxada por 4 juntas de bois no fim daquele
lugar. Levava caramelos, bolachinhas, pentes, argolas
para laço, extrato Micravel, peças de algodoim para
fazer saia branca, filó de mosqueteiro, vidros de
arnica para curar machucaduras, brincos de
pechisbeque, — essas coisinhas sem santidade...
Nossa mãe comprava arnica e bolachinhas.
Dona Maria, mulher do Lara, comprava brincos e
extrato Micravel.
Meu avô abastecia o abandono.
De tudo haveria de ficar para nós um sentimento
longínquo de coisa esquecida na terra —
Como um lápis numa península.